

O segundo Legado, na visão do Dr. Laís Marques da Silva.
Ex-Custódio e Presidente da Junaab.

Estamos aqui unidos na cidade de Leopoldina, numa das muitas cidades do Estado de Minas Gerais, um dos 26 Estados do Brasil, um grande país entre os muitos países do mundo. Sabemos que os companheiros de A.A. estão unidos mundo a fora e, melhor, temos a esperança de que assim deverão permanecer. Mas essa certeza e essa expectativa que acalmam o espírito nem sempre estiveram presentes nas mentes dos primeiros membros da Irmandade. No início da vida de A.A., houve um crescimento rápido e espantoso no número de grupos e de pacientes em recuperação e esse crescimento, não obstante ser um fato auspicioso, ameaçou fazer em pedaços a instituição que ainda estava sendo consolidada. Ao mesmo tempo, esse crescimento muito acelerado, exponencial, era um fato que chamava a atenção e que merecia uma análise respeitosa na busca de uma explicação.

Para dar uma idéia dos problemas e das dificuldades observadas nos primeiros tempos da vida de A.A., um breve quadro será composto usando apenas as suas linhas mais gerais. Assim, havia o temor das recaídas e dos romances fora do casamento. Afloraram os desejos de poder, fama e dinheiro. Os mais antigos na Irmandade se julgavam donos e consideravam ter direitos adquiridos, e mais, serem portadores de permissão para conduzi-la. Era necessário conter os dominadores de plantão e as personalidades autoritárias. Havia o medo do aparecimento nos grupos de pessoas esquisitas ou indesejáveis ou mesmo de criminosos. Como os grupos iriam se relacionar entre si? Qual o conceito de grupo? Qual o seu propósito primordial? Deveria o A.A. se envolver com movimentos sociais? Entrar na área educacional? Tornar-se uma instituição reformadora? Outra dificuldade estava em levar a termo os problemas de dinheiro. Com idéias grandiosas, alguns membros julgavam que precisariam de grandes somas. Como resolver o problema da tendência ao profissionalismo? Como lidar com o aparecimento de núcleos internos de governo e com o aparecimento de sanções a serem aplicadas? Infratores deveriam ser expulsos? E o que fazer com a tendência a opinar sobre questões alheias à Irmandade com o conseqüente envolvimento em controvérsias públicas. Como lidar com a divulgação em que se faziam promessas, o que se constituía em propaganda? A busca pelo poder e pelo prestígio sempre ocorria.

Esse quadro, muito resumido, mostra que a Irmandade, no início da sua existência, era como uma balsa de naufragos navegando em mar muito perigoso. Era preciso não balançar e estabilizar a balsa para que todos não ficassem em pânico e não corressem perigos.

Não obstante a existência das ameaças de desunião e de colapso que aconteceram neste período de crescimento, a unidade de A.A., a nível mundial, foi forjada graças ao desenvolvimento de princípios calcados em procedimentos existentes em alguns grupos, já então tidos como tradicionais, e nascidos a partir da solução de problemas do cotidiano dessas estruturas e capazes de, sendo observados, mantê-las em unidade. Esses princípios foram estudados e consolidados e, no seu conjunto, se constituem naquilo que, hoje, para o nosso conforto e paz, são chamados de as Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos. Esses princípios, cristalizados a partir da experiência, da vida de A.A. nos primeiros tempos, se constituem

num instrumento poderoso que permite transpor obstáculos e resolver os problemas do dia a dia da vida da Irmandade. Por meio da observância do segundo legado, permanecemos em unidade.

Insisto em chamar a atenção para esses primeiros tempos porque neles surgiram dificuldades e problemas e, a partir deles, as Tradições. Isso parece muito natural e ficamos tranquilos, mas é preciso lembrar sempre que o não conhecimento desses princípios ou a omissão quanto à sua prática poderá nos levar a severas dificuldades e a enormes turbulências, inconvenientes para o processo de recuperação dos portadores da síndrome da dependência do álcool e que, ademais, poderão conduzir a rupturas de conseqüências imprevisíveis.

Além do mais, o estudo das Tradições encanta pela grande sabedoria existente em cada um dos seus princípios ao mesmo tempo em que espanta os estudiosos pelo fato estranho de neles existir tanta inspiração, tanto discernimento, tanta visão, tanto conhecimento, tanto de humanismo e, ainda, que toda essa riqueza tenha sido encontrada por aqueles que os conceberam. Acontecimentos como esses não são comuns na história da humanidade em que, infelizmente, predomina a insensatez, entendida como a tomada de atitudes contrárias aos seus interesses.

Penso que é também oportuno que nos detenhamos sobre o significado das palavras legado e tradição. Legado é definido como dádiva deixada em testamento e dádiva é definida como donativo, presente, oferta. A palavra legado, portanto, está mais associada a coisas imateriais e, por isso, penso que a sua adoção é mais adequada do que a da palavra herança, com nítida conotação de coisa material e, por isso, ligada ao mundo das coisas e até à possibilidade da existência de conflitos. Fica, desse modo, a idéia de algo imaterial, precioso e enriquecedor do espírito, que é o que se aplica ao uso que fazemos em A.A. da palavra legado. Também é válido se deter sobre o significado da palavra tradição como sendo costume, hábito, uso ou crença, especialmente a que passa de geração em geração. Ou seja, um corpo de hábitos e crenças tidas como sendo de valor por uma cultura particular.

Isto posto, vamos considerar alguns fatos históricos, de grande importância, que convergiram para o aparecimento das Tradições de A.A. e que, ainda mais, irão avivar no nosso espírito a idéia de que precisamos estudar as Tradições com grande dedicação, mantendo a lembrança de que estes princípios que salvaram, naqueles tempos, a nossa Irmandade da desintegração. O relato concorrerá para formar a consciência de que o não estudo e a não observância desse legado poderá resultar na perda da unidade, indispensável para que possamos levar adiante a mensagem de A.A. mundo afora.

Em 1941, com a publicação do trabalho de Jack Alexander no Saturday Evening Post, o número de membros de AA saltou de 2000 para 8000 e para 96000, em 1950. Os grupos foram de 500 em 1944 para 3.500 em 1950. Acompanhando esta onda, muitos não alcoólicos dos campos da medicina, da religião e da mídia estavam ficando cada vez mais conscientes de que Alcoólicos Anônimos representavam uma solução para alcoólicos aparentemente sem esperança e pediam informações sobre o AA. Da mesma forma, uma inundação de cartas chegava aos escritórios.

Diante dos desafios trazidos pelo intenso crescimento tanto interno quanto externo, Bill se deu conta de que a nova Irmandade poderia facilmente ser esmagada pelo seu próprio sucesso, a menos que um corpo de princípios norteadores e uma política de relações com o público fosse formulada.

Naqueles tempos, Bill W. se apercebeu da necessidade de estabelecer linhas de procedimento que orientassem as relações internas e externas da Irmandade em face do crescimento de AA e da necessidade de manter a unidade; de criar uma proteção e de garantir o progresso.

Bill W., co-fundador de A.A., identificou as ameaças potenciais para a existência de Alcoólicos Anônimos: problemas de propriedade, prestígio e poder. Os de propriedade foram afastados evitando-se que A.A. se tornasse proprietário e fazendo com que se pudesse manter. Daí as Tradições Sexta e Sétima.

Foram afastadas as idéias de criação de linhas mestras que fossem chamadas de leis, regulamentos, regras ou qualquer coisa semelhante, pois transmitiriam uma idéia de autoritarismo e trariam conseqüências negativas para a Irmandade. Dessa forma, Bill começou por chamá-las de "Os Doze Pontos Para Garantir a Nossa Sobrevivência Futura". No entanto, alguns desses pontos já eram tradicionalmente praticados por muitos grupos de A.A. com base nas suas experiências, daí que passaram a ser chamados de Tradições.

Portanto, da experiência acumulada dentro da própria Irmandade, surgiram as idéias básicas para a elaboração das Doze Tradições de A.A.. Elas têm a finalidade de oferecer soluções para problemas da vida diária da Irmandade e, ainda, ajudar na comunicação com a comunidade, fora de Alcoólicos Anônimos. Nelas encontramos todos os assuntos relacionados com a existência de A.A. e a maneira pela qual a Irmandade pode continuar atuando dentro da sociedade em geral. As Tradições fornecem as ferramentas necessárias para a sobrevivência de A.A., ensinando as maneiras para que os alcoólicos sejam membros da Irmandade, a autonomia dos grupos, a unidade de propósitos, a não-aceitação de apoio externo, o anonimato, o profissionalismo, controvérsias públicas e auto-suficiência. Todo este conjunto de princípios deu origem às Tradições de A.A..

Se, por um lado, as Tradições significam para a Irmandade, como um todo, progresso, proteção e unidade, para os membros de A.A., que as praticam, representam uma linha de crescimento espiritual na medida em que colocam o outro em primeiro lugar e passam a valorizar o bem-estar comum.

Quando falamos de alguma coisa e usamos a expressão mundial, que abrange o mundo inteiro, por todos os cantos do mundo, fica a idéia de um certo ufanismo. Os brasileiros cantaram em prosa e verso o fato de terem o maior estádio de futebol do mundo, de serem os melhores jogadores do mundo, de fazerem o melhor carnaval do mundo, etc. Resultou que essas expressões ficaram um pouco desgastadas ainda porque foram usadas para qualificar outros aspectos da nossa terra. Mas, quando me refiro nestes termos à Irmandade de Alcoólicos Anônimos, o faço a partir de experiências pessoais. Assim, em 1991, estando a passeio, visitei o ESG da França. Fui no 21, Rue Trousseau, em Paris, e lá fui carinhosamente recebido pela chefe do serviço. Conversamos longamente sobre as características do A.A. da França e do Brasil e ela, aproveitando a oportunidade, me mostrou uma coleção de Vivência colocada numa prateleira. Eram revistas que o ESG enviava regularmente para vários escritórios de serviços gerais. Disse-me que não entendia a língua, mas que tinha uma empregada portuguesa que lia para ela os artigos das revistas. Cerca de um mês mais tarde, fui à cidade de York, na Inglaterra, para fazer, entre outras, uma visita ao GSO. Novamente, fui recebido com muita alegria, carinho e atenção, além de surpresa, naturalmente. Lá havia também uma coleção de revistas Vivência. Mostraram-me algumas publicações do GSO e, entre os companheiros que me receberam,

estava um que, mais tarde, eu iria reencontrar como delegado na 11^a Reunião Mundial, realizada em Nova York.

Nesta reunião mundial, convivi com companheiros de mais de quarenta países do mundo. A agenda de trabalho era muito intensa, mas não eram menos intensas as conversas de corredor. Muita experiência foi também trocada no decorrer dos grupos de trabalho e nas refeições que juntos fizemos. Experiências muito enriquecedoras foram vividas. Ainda na referida cidade, fui a duas reuniões de grupo e pude observar que, em tudo, eram semelhantes às que fazemos aqui no nosso país.

O que aqui relato é, exatamente, fruto da existência e da prática das 12 Tradições e reflete a importância e o poder desses princípios para a vida de A.A., como instituição mundial. A importante conclusão que tirei dessas experiências aqui relatadas e de outras mais, é que somos todos, membros de A.A., um só corpo, um só organismo, integrado e uno.

Na certeza da importância dos trabalhos que aqui seriam realizados é que aceitei o convite que me foi feito pelos companheiros para participar deste ciclo de Tradições. Vim do Rio de Janeiro, fiz uma longa viagem e isso traduz a convicção que tenho da importância do estudo das tradições de A.A.. Vim trazer a minha fé nos destinos desta Irmandade mundial a partir da prática das 12 Tradições.